

# A Pesquisa No Debate Contemporâneo e o Serviço Social

Irlys Barreira \*

...Gostaria de agradecer o convite aos organizadores do Encontro e parabenizá-los por esta discussão, à medida em que ela está se dando em todos os âmbitos do conhecimento: na Sociologia, na História, na Antropologia. A temática sobre as questões da teoria da pesquisa em Ciências Sociais realmente é bastante contemporânea, e é um debate que não é nada fácil.

Vocês devem ter percebido o enorme esforço da Alba para tentar fazer uma reconstrução problemática de todas as questões que estão embutidas na discussão da teoria e da pesquisa, e o quanto é difícil este grau de elaboração.

Conheceria dizendo - a professora Alba Carvalho falou várias vezes sobre a necessidade de ter uma certa abertura de modelos - que é preciso fazer, no campo da teoria também, a famosa abertura democrática que é uma abertura bastante difícil.

Primeiro, porque, em teoria e ciência, e preciso ter muito claro o que se quer abrir. Esta palavra mágica, abertura democrática, se ela se casa muito bem na perspectiva política, no ato de fazer teoria ela é muito mais complicada, além das dimensões políticas que estão aí embutidas, estão aí envolvidas.

\* Doutora em Sociologia (USP), Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará.

Na realidade, a questão da teoria sofre várias interferências. A primeira tem a ver com a própria caracterização histórica do momento em que ocorre o debate.

Sabemos que a crise que acontece na Europa do Leste, a crise do socialismo, ou a crise brasileira, em fim, todas estas dimensões têm uma interferência muito forte na elaboração da teoria. Ou seja, momentos de esperança parece que dão mais credibilidade à Razão, no sentido filosófico do termo, e momentos de desesperança nos fazem perguntar o que é esta Razão. Isto leva a uma certa descrença de que nada vale a pena, nem tão pouco a teoria. Como se houvesse uma certa espontaneidade, um certo "laissez-faire" no ato de fazer teoria.

A outra interferência tem a ver com o próprio modismo na Ciência. O modismo não aparece só no modo de ser, no modo de se comportar, mas no modo também de se fazer teoria. Ou seja, determinados autores começam a aparecer no cenário internacional, de repente, nos damos conta de que uma série de livros são editados aqui no Brasil e passam a ser lidos. A teoria passa por este viés também, na moda. Então existem condicionantes de percepção da teoria importantes, que devem ser considerados, quando se discute as crises dos paradigmas.

Essa própria noção - crise dos paradigmas -, que parece óbvia, é também bastante problemática. Porque, quando se fala em crise, na perspectiva de uma crise econômica, de uma crise política, entende-se essa crise como fruto de uma tensão, como fruto de contradições sociais que levam a pobreza, às desigualdades sociais.

Quando falamos em crise dos paradigmas, parece que esta crise remete a outro tipo de coisa. De fato, estamos falando de crise em nossas crenças sociais, no que nós acreditamos e o que tomamos como elemento fundamental para interpretar a realidade.

Então, é uma crise que passa por dimensões de subjetividade, por dimensões pessoais, por esta dimensão que chamei de esperança. Quer dizer, a teoria tem um legado que não é se tornar evidente em si mesma. Ela tem uma evidência muito forte na credibilidade.



Tanto que quando estamos falando, vocês percebem todo o esforço de dizer, de definir o problema da pesquisa. A professora Alba Carvalho deixou bastante claro o que ela acredita, o que ela propõe como perspectiva, enfim, de análise da realidade. Então, a crise tem esta dimensão de passar pelas crenças sociais.

Esas crenças sociais são elementos carregados de subjetividade e de uma série de coisas que tem a ver com experiências dos grupos sociais, o modo como assimilamos o Marxismo, o modo como este nos chegou, como tocou nossa utopias. Tudo isso interfere na elaboração desta crise que, aí, termina também sendo uma crise pessoal. A angústia que dá quando percebemos, por exemplo que "hossos ídolos não são os mesmos".

Quando se percebe este tipo de coisa é como se faltasse chão para dizer: como se vai fazer a pesquisa? Como se faz agora para poder pensar na realidade, pensar estes modelos, quando, de repente, nos acostumamos a traçar uma trajetória?

Vou falar um pouco sobre a interferência destes modelos no decorrer da história brasileira. Muito rapidamente, só para situar, em termos concretos como o modo de investigação tem a ver com a perspectiva histórica, é um dado fundamental para compreendermos situações de crise e situações de mudança social.

Sabemos, por exemplo, que, na perspectiva da investigação urbana, nos anos 50 e 60, a teoria da marginalidade teve um influência muito grande. Quando olhamos para trás, para o passado, sempre tendemos a fazer uma crítica cômoda, um pouco porque o tempo já passou e podemos olhar o objeto mais à distância.

Em toda esta discussão da marginalidade, a questão da pobreza, a questão da desigualdade tinha um veículo explicativo muito claro, ou seja, que o país ou as situações analisadas estavam numa condição de exclusão da realidade social e, com o desenvolvimento da própria sociedade, esses setores marginais seriam integrados.

Este debate perpassa vários estudiosos e também, acredito, o Serviço Social: a compreensão de que os objetos fundamentais de pesquisa

estavam nesta esfera de marginalidade e era preciso analisá-los de forma integrada à realidade social.

Na década de 70, temos uma influência muito grande do marxismo, que aparece nos objetos de pesquisa: o marginal não é visto como desintegrado, mas como algo que apenas parece marginal, pois faz parte daquela ótica de reprodução do sistema. Ou seja, o marginal existe porque o pólo desenvolvido existe também. A pobreza existe porque existe a riqueza. Então, foi-se compondo uma teoria de explicação mais ampla da realidade social.

Isto aparece nas diversas esferas. A problemática da favela e da marginalidade passou a ser nomeada com outras referências. Passou a ser vista da perspectiva de classe, da perspectiva de setores não plenamente adaptados à realidade capitalista, mas que contribuíram, a partir de suas várias formas, para o desenvolvimento daquela realidade desigual capitalista. Ou seja, a desigualdade integra, faz parte do sistema econômico.

Aí, no caso, as questões colocadas eram que estes setores, de algum modo, a partir das suas estratégias de sobrevivência ou do seu modo de vida, interferiram nesta construção dinâmica.

Podemos situar, na Sociologia, vários estudiosos, que analisaram a realidade sob esta ótica. Além destes, o economista Francisco de Oliveira, que se preocupou em entender a dinâmica capitalista e fez um trabalho interessante, que vocês devem conhecer, "Crítica à Razão Dualista". O autor tenta perceber este dualismo não dentro da ótica da marginalidade social, mas como integrante, como parte da dinâmica geral de reprodução do sistema capitalista.

Na década de 80, os estudos parecem abandonar um pouco esta ótica de uma dimensão mais totalizante, e começam a entrar em esferas mais cotidianas ou mais diferenciadas da realidade social. É aí que surge a grande temática dos movimentos sociais. Esta temática vai coincidir com a chamada abertura democrática, com o processo de redemocratização.

Nesse momento, começa a emergir, a tocar muito fortemente, aquilo que foi nomeado a crise dos paradigmas, ou seja as explicações teóricas globalizantes. Parte-se do pressuposto que elas não têm mais condições

de explicar dinâmicas específicas e pontuais da realidade, e que será preciso incorporar outras dimensões específicas para formular uma teoria.

Dentro desta ótica, as visões são variáveis. A professora Alba Carvalho já colocou muito bem que temos aí aquela crítica que diz, por exemplo: "agora não é possível mais se ter uma teoria sobre o social". O que temos é uma elegia à perspectiva dos fragmentos, uma análise dos fragmentos. A realidade se refaz no cotidiano e a teoria passou a ser vista como algo que não conseguiria dar conta dessa efervescência da realidade. Isso é um suposto.

O outro suposto é aquela tentativa de pensar o seguinte: "como é possível, diante destas novas questões, desses desafios colocados pela realidade, integrar esta novidade, dentro de uma perspectiva teórica, sem colocar fora a realidade e sua interpretação?". É aquilo que se diz: como não colocar fora a criança com a água do banho?

Nessa segunda perspectiva é que tenho me colocado, ou seja, como é possível a teoria integrar estas dimensões de novidade que estão aí colocadas para o desafio do pesquisador? E falarei um pouco dessas dimensões.

Acho que o que emergiu muito forte neste momento foi a importância da cultura e das representações sociais como elemento importante e dinamizador das análises de interpretação do social.

Por que isto aconteceu? Penso que tem a ver com elementos da realidade, na medida em que passamos a viver, no Brasil, um processo intenso de descoberta de discursos, de falas, de valorização da fala popular, de valorização de setores que apareciam inteiramente inertes dentro da realidade social. Esta seria uma explicação no plano da realidade.

Há outras descobertas no próprio plano da teoria. Chegou-se à conclusão de que a explicação de um modelo totalizador da realidade social havia deixado de lado dimensões importantes, como os sujeitos sociais e o que eles pensam sobre aquela realidade. A idéia de que as contradições sociais não têm uma perspectiva de papel carbono, mas

passam por dimensões culturais o modo como as pessoas percebem estas contradições.

Ou seja, não basta viver uma situação de miséria social para se dar conta da sua situação, do seu lugar no contexto das desigualdades. É preciso que haja algo mais em que o indivíduo se dá conta daquela perspectiva, da sua vivência e, a partir dela, elabore e traduza a sua necessidade social.

Situo como um autor muito importante, que foi muito discutido nessa área de movimentos sociais, um historiador inglês que se chama Thompson. Ele trabalhou a noção de experiência, acolhida muito positivamente pelos sociólogos.

Ele dizia que a experiência tem a ver com o modo como a classe trabalhadora vive sua contradição e a traduz na sua história vivida, que faz com que os trabalhadores, na Inglaterra, tenham determinadas disposições a agir e os trabalhadores na sociedade brasileira tenham outras disposições, porque suas experiências e trajetórias são diferenciadas.

No entanto, as contradições são semelhantes. Porque o que se passa no capitalismo é recorrente e há semelhanças entre uma realidade e outra. Nós temos a mesma situação de exploração, a mesma situação de exclusão, de dominação. Mas essa dominação passa por dimensões de uma experiência, de uma história vivida.

Neste sentido, a noção de experiência foi bastante aclamada nessa discussão de movimentos sociais.

A outra questão que aparecia como muito importante, na época, foi a perspectiva de que as expressões da realidade social não necessariamente passavam só por aquela dimensão clássica das noções de classe. Quero dizer, setores tidos como silenciosos e marginais da sociedade de repente passaram a se organizar.

Então, a fala da "dona Maria", lá na favela, ou de outra pessoa comum, numa situação que parecia inteiramente descabida para as nossas amplas reflexões, passou a ter lugar. A valorização dos setores considerados mais avançados passou a se chocar com esta capacidade, com esta dinamicidade que certos setores passaram a expressar.

Dentro dos movimentos sociais, passou a haver uma valorização dessa fala, desse sujeito, que também tinha o seu processo de construção e de compreensão da realidade, a partir de mecanismos sociais, para nós, até certo ponto inesperados. Então isso aparecia como um dado importante.

Outro elemento são os trabalhos sobre a mulher, que passaram a ser muito recorrentes. A idéia, por exemplo, de que a dominação social não recobria só aquele lugar específico mas se espalhava por dimensões outras, que também não se resolviam só no plano da transformação econômica.

Ou seja, a dominação da mulher passaria por outras dimensões culturais cristalizadas no modo de percepção, no modo de pensar, que, necessariamente, tinha a ver com a dinâmica específica das classes sociais. Isso também foi um elemento importante a analisar.

Neste caso, quando Foucault passa a ser um autor, vamos dizer, bastante lido e bastante trabalhado nessas análises referentes ao micro-cotidiano, isto tem a ver com a perspectiva que ele apontou: que a dominação social e o poder perpassam outros mecanismos nem sempre visíveis. Que o poder está também no modo de olhar, de sentir, de falar, está na expectativa que se cria entre dinâmicas diferentes do social, de forma que seria preciso incorporar estas especificidades, ou essas outras formas invisíveis de dominação social, no estudo da realidade.

Nesta situação, há várias polêmicas, inclusive, se trabalhar com a perspectiva de Foucault levaria a uma dimensão de descrença na teoria, ou se era possível articular Foucault com essa dimensão, ou seja, articular Foucault com o modelo marxista. Isto é uma polêmica.

Outro autor também da época - eu digo da época, mas hoje ainda tem uma influência muito grande - é Castoriadis, quando lança a questão, por exemplo, da importância do imaginário com elemento importante na criação social.

Foucault não estava imediatamente preocupado em destruir o modelo marxista, mas simplesmente em apontar alguns elementos pouco explorados na dinâmica e na interpretação social.

Castoriadis já vai numa perspectiva radical, ou seja, a construir seu modelo teórico com base no imaginário, ele começa, por outro lado, a destruir a perspectiva marxista de pensar o social.

Então há contribuições no trabalho dele, mas lança mão de um outro conjunto de problemáticas. Como é possível trabalhar essa dimensão de incorporação de cultura e do imaginário, sem perder a perspectiva de que o social se interpõe por uma razão, ou por uma lógica, que autoriza a existência de uma teoria?

Vou voltar rapidamente à questão colocada pela professora Alba Carvalho. Na realidade, por trás dessa discussão "crise do paradigma", há uma questão muito séria que é a problemática da própria elaboração da teoria. Ou seja, não é possível fazer uma teoria em função do sempre novo, em função do sempre caos, em função do sempre emergente.

Uma teoria supõe o que? Supõe repetição. Uma teoria supõe uma abstração. Enfim, supõe que, para além das diversidades e das diferenças sociais, há algo que autoriza fazer uma teoria. Isto é verdade não só para sociologia, mas para todos os campos do social. Teorizar significa abstrair e tentar formular um modelo.

A problemática que aí se coloca para essa dimensão da teoria é a seguinte: como fazer uma teoria não totalitária? como a teoria pode amparar o novo? como essa teoria pode imbuir uma razão desconfiada, que é uma razão crítica, de que a professora Alba Carvalho falou? Quer dizer: uma razão que se pergunta, uma razão que se questiona, que não simplesmente toma a realidade como camisa de força interpretativa de uma teoria.

Nessa discussão, sobre a existência de outros elementos, que são partes importantes dessa discussão teórica, entra toda uma abordagem sobre a dimensão do inconsciente, de que a professora Alba Carvalho falou. Ou seja, a idéia de que na ação social, no agir humano, entra uma série de componentes que não são imediatamente percebidos.

Isso faz Habermas preocupado em entender que a realidade social é composta por um mecanismo de dominação. Pela ausência de comunicação, o sujeito introjeta o poder de tal modo, que não se percebe

enquanto tal. E ele deu um elemento muito importante para entendermos o que é a dinâmica do poder.

Entra também a discussão do próprio Bourdieu, quando fala que toda a reprodução da realidade social só é possível porque há mecanismos inconscientes de aceitação dessa realidade. Ou seja, aquilo que dizemos: não necessariamente uma contradição de ordem econômica resulta em uma ação social. Porque o modo com que as pessoas introjetam a dimensão de autoridade, o medo, a forma como elas entram em contato com setores diferentes do social, vão interferir na ação coletiva.

É por isso que às vezes nos surpreendemos: porque Collor ganhou? Ou, porque um público que parecia tão organizado, como em São Paulo, elegeu Jânio Quadros?

Isto nos aponta a idéia de pensar que mecanismos outros entram na ação coletiva, que são por nós desconhecidos, fazendo com que a teoria se debruce na busca desses elementos, nem sempre visíveis ao nosso olhar, vamos dizer, de primeiro impacto.

Até porque também nós olhamos a partir de uma ótica. Não podemos esquecer que nós, pesquisadores, também somos parte de uma classe social, de uma condição social, que interfere no modo de olhar. Ou seja, a teoria é um instrumento, é a ferramenta, mas não consegue apagar o nosso modo de olhar a realidade social.

Isto a própria teoria marxista diz. É a teoria marxista que diz que o modo de perceber, que o modo de pensar, tem a ver com a condição de classe, com o lugar que o sujeito ocupa dentro da realidade social.

Queria entrar agora, um pouco, na questão da pesquisa. Na realidade, considero que a perspectiva teórica, se por um lado permite que discutamos com uma certa lógica, com uma certa coerência, quando tomamos a temática da pesquisa reaparece muito fortemente esta tensão de como usar a teoria. Múndos de percepções, munidos de um instrumental de recortes da realidade social, o que a realidade nos aponta? O que é fazer pesquisa? E aí eu diria o seguinte: Toda pesquisa impõe o recorte do objeto.

Então neste sentido há uma certa ingenuidade nesta idéia que o real fala por si mesmo e que o real vai nos apontar aquilo que não conseguimos resolver nas nossas contradições teóricas. Quer dizer, o real é capturado também a partir de um lugar teórico, a partir de um modo de olhar.

Assim como os favelados foram chamados, na década de 60, de marginais, foram chamados em outras épocas de sujeitos políticos. Amanhã não sei como serão nomeados. Significa dizer que o real está lá, mas é nomeado de acordo com a percepção que temos dele.

Nesta perspectiva, a pesquisa, a metodologia, sempre impõe recorte. O que quero dizer é: a teoria está sempre presente, ou bem assumida ou mal assumida, a teoria existe. E já que ela existe, já que está sempre presente na nossa concepção - embora às vezes muita gente não se dê conta - significa dizer que o ato de fazer uma pesquisa exige uma compreensão teórica do seu objeto.

Nessa compreensão teórica, queria colocar alguns elementos para discussão. É uma coisa que chamo de surpresa. Acho que a teoria, quando o pesquisador se debruçar sobre o real, na elaboração de um projeto de pesquisa, ela tem que, de algum modo, acolher a surpresa. Porque se percebe que muitas pesquisas terminam sendo realidades de coisas já ditas, de modo que poderíamos até colocar uma coisa tal qual se coloca no modelo matemático: como queremos demonstrar. Porque não tem muito mais a dizer.

Neste sentido, este acolher de surpresas significa dizer que a teoria tem que assumir sua tensão entre o que está posto enquanto abstração ampla da realidade social, que comporta a própria teoria, e o que está reposto com base no que a dinâmica do real coloca para pensarmos.

Em termos mais concretos, quando falamos em classes sociais - por exemplo, trabalhar classes sociais em Fortaleza -, temos que pensar como é que a dinâmica dessa desigualdade social passa por uma realidade como o nosso trabalhador aqui? O que é o nosso favelado? O que é a classe média em Fortaleza? O que foi na Inglaterra?

Enfim, essa história do que é a nossa realidade não é uma pergunta meramente empírica. Ela é uma tentativa de pensar o que a minha

realidade me obriga a articulá-la com minha teoria, para não torná-la, simplesmente, um objeto demonstrativo.

Essa tensão entre teoria e acolhimento da surpresa para mim é um dado fundamental. E é o que vai reafirmar isto que a professora Alba de Carvalho falou, de que a razão tem que ser crítica. E uma das formas dela ser crítica é, simplesmente, acolher e desmembrar toda essa perspectiva de investigação.

Até colocaria uma frase meio de brincadeira, entre aspas, "que a pesquisa tem razões que a razão desconhece". Ou seja, sempre há algo surpreendente que precisa ser acolhido, no sentido de que diante disso não devemos (a isso eu não devo) ter como consequência uma negação da razão, mas uma reafirmação com outro conteúdo, uma reafirmação do tipo: para discutir classes sociais em Fortaleza, não vamos discutir o conceito de classe. Mas vamos saber que dimensões novas aparecem e que elementos novos estão postos para podermos repensar essa noção de classe.

Com relação ao poder, a mesma coisa. Nós temos toda uma discussão aqui da questão do poder. Como ele passa por óticas personalistas, como não passa imediatamente por uma ótica racional, passa por crenças, por discussões de fidelidade, por elementos que estão incutidos na cultura, nessa cultura secular de submissão.

Esses são elementos importantes para se dizer, simplesmente: sim, o poder existe. Ele é real e se afirma, se reproduz e tem um lugar articulado a uma classe. Mas ele se reproduz de maneira diferente. Al ele se reproduz pela submissão, pela promessa, enfim, pelos empréstimos, pelas questões muito presentes no momento eleitoral. E, noutro momento, ele se reproduz de outro modo. Estas formas distintas de reprodução vão nos dar elementos para pensarmos como este poder se configura e como se articula na nossa realidade.

Nesse sentido, era interessante pensarmos que a realidade social tem uma dinâmica de reprodução e uma dinâmica de transformação. No ato de fazer a pesquisa, tanto se tem que estar atento para essa dinâmica de reprodução - porque se essa dinâmica de reprodução não existisse nós já estaríamos numa situação bem melhor e mais confortável do que estamos

hoje - e essa dinâmica também de transformação. Temos que dar conta dessa perspectiva dual.

Muitas vezes o desejo do pesquisador entra também numa certa ótica de direcionar o objeto para aquilo que ele quer. O pesquisador simplesmente está observando o que é mais confortável, a partir da sua crença, a partir da sua utopia, e vai olhar só o elemento de transformação social. E faz pesquisas dentro de uma ótica inteiramente otimista, e se surpreende, por exemplo, quando acontece o fenômeno Collor.

Eu estava vendo e achando interessante a camisa de um ouvinte aqui na plateia que diz o seguinte: "Nessa desgraça colorida, não perca o amor pelas cores". Acho que nesse "amor pelas cores" é importante enxergar também o que não está naquela ótica da qual acreditamos ou esperamos.

A pesquisa identifica não só uma surpresa para a teoria, mas uma surpresa para o pesquisador, para aquele que faz teoria. Aquela idéia de que o fenômeno social é objeto da nossa crença, mas tem que ser também, de algum modo, distanciado, para ser melhor analisado.

A crítica passa por uma visão ampla desse social e por uma questão em que o pesquisador observa todos os elementos que propiciam aquilo que ele não gostaria de ver, que é da reprodução, que é da mesmice da realidade social.

Temos uma idéia, que foi muito presente dentro de uma ótica evolucionista, de que a realidade caminha para a frente, está sempre indo. Às vezes, se tem uma sensação também de recuo, de que o que parecia que ia chegar numa determinada ótica, recua. Mas talvez não seja recuo, talvez seja um outro ângulo de olhar que deixamos de ver, porque nossa crença era simplesmente ver um futuro radioso ou ver uma transformação em que acreditávamos. Um dado que acho fundamental para pensarmos não vou mais me alongar muito - é essa dimensão de criatividade. Acho que o que tocou mais fundo essa dinâmica da razão, essa discussão da teoria, foi a perspectiva de como compreender o real de modo criativo. Como apreender criativamente essa realidade, analisando outros ângulos de olhar, analisando outras perspectivas.

Ser criativo é poder incorporar a novidade não só da realidade, mas a novidade de autores que vêm de outras teorias, mas que fornecem instrumentos importantes para incorporações de modos e ângulos diferentes de olhar.

Desses ângulos diferentes de olhar, surge a questão do que é eclétismo. É uma questão que sempre nos toca: como incorporar o novo sem ser eclético? E o que é ser eclético?

Não tenho uma síntese ou uma conclusão definitiva sobre isso, mas considero que um autor ou uma teoria é fruto de uma temporalidade histórica. No caso, nada foi mais criativo do que a teoria marxista. Se hoje ela é bastante discutida, estão colocados na mesa, alguns elementos que justificam sua negação. Fala-se hoje que não existe mais a teoria, o importante agora é "viagem", enfim, é o "non sense", é toda essa perspectiva de crítica ao racionalismo e de modernidade presentes em algumas concepções.

Mas a outra ótica é pensar o seguinte: se a teoria marxista é fruto de uma criatividade histórica, se nasceu destruindo o modo de pensar, apresentando novos ângulos, e dizendo que o real é uma coisa histórica e construída, para sermos fiéis a ela, temos que ancorar outras dimensões de pensamento que ajudam a elaborar essa criatividade.

Talvez o eclétismo seja muito mais que um fantasma, um medo que se tem, aquele medo, aquela dimensão mais pura e mais religiosa, que parece com algo místico.

Enfim, queria dizer que o próprio Marx foi "eclético", porque tomou a teoria dele de outros autores, evidentemente fazendo uma construção lógica e apresentando uma perspectiva, vamos dizer assim, de crítica do social.

A questão do eclétismo tem que ser vista não dentro dessa perspectiva de medo, de camisa de força, mas de pensar realmente que a teoria é um processo de construção. E é um processo de construção, - desconstrução, - construção, - desconstrução permanente da realidade social.

Acho que esta afirmativa é mais marxista do que uma outra que fechasse a idéia de que a teoria é uma coisa fechada.

Só para finalizar, numa perspectiva metodológica, num ato de investigação, é importante introduzir o por que, perguntar-se sobre o que parece bastante óbvio. Acho que, em toda perspectiva de investigação, temos que dizer assim: o que parece óbvio às vezes não é. E é o que não parece óbvio que lança a possibilidade de outro ângulo de olhar, faz criar interrogações, faz avançar a própria teoria. A teoria avança por interrogações.

Esta crise pode ser vista como um dado positivo. De repente, todos os estudiosos, os teóricos, estão debruçados em entender o que fazer da teoria. Isto pode ser visto como um dado positivo, um dado importante. Não como uma crise, no sentido negativo, mas como uma crise no sentido positivo. Ou seja, o nome de crise na perspectiva marxista, que é uma crise que constrói, porque a realidade é feita de crises e a teoria também tem que ser feita de crises.

Para concluir, há uma frase muito interessante de Henri Lefebvre, um estudioso marxista, na qual ele diz o seguinte: É importante, na investigação, manter das coisas. Não interessa nem a vida sem conceito, nem o conceito sem vida. Então, é importante articular conceito e vida.

Ou seja, o que a teoria hoje nos pede, a investigação nos pede, é pensar e incorporar essas dimensões criativas da realidade social, onde é possível incorporar modelos. É preciso, a partir dessa crise tomada no sentido positivo, fazer avançar a própria teoria.